



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

O LUGAR DE FALA ZAPATISTA E SEU DISCURSO OFICIAL NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA

Rodrigo de Moraes Guerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

rodrigo.morais.guerra@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na madrugada do dia 1 de janeiro de 1994³⁴, o México e o mundo foram surpreendidos por um levante armado, promovido por povos indígenas³⁵, no longínquo estado de Chiapas. Representados em nome do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), estes indígenas deram início ao *movimento zapatista*. Remetendo, diretamente, ao líder do Exército Libertador do Sul, durante a Revolução Mexicana de 1910, Emiliano Zapata, os zapatistas³⁶ chamaram a atenção do México e do mundo por

³⁴ Data emblemática, pois marcava a entrada em vigor do NAFTA (North American Free Trade Agreement), ou TLCAN (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), novo bloco econômico dos países americanos do Norte. Elaborado em fevereiro de 1991 pelos presidentes Brian Mulroney, do Canadá, George Bush, dos Estados Unidos e Carlos Salinas de Gortari, do México, o tratado foi aprovado em 17 de novembro de 1993 e entrou em vigor no dia primeiro de janeiro de 1994, representando um avanço da política econômica neoliberal no continente – não à toa, a data foi, também, escolhida para ser o dia da insurgência zapatista.

³⁵ Indígenas de origem *maya* representantes das etnias *tzeltales*, *choles*, *tzotziles* e *tojolabales*. (Buenrostro y Arellano, 2002, p. 18).

³⁶ Alguns autores utilizam o termo “neozapatistas”, para se referirem ao movimento insurgido no levante de 1994, levando em consideração que os “zapatistas” seriam os próprios da Revolução Mexicana, os quais lutaram ao lado de Emiliano Zapata. Todavia, por mais que reconheçamos as diferenças,





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

diversos aspectos que os diferenciavam das ditas revoluções tradicionais, recorrentes no século passado no contexto latino-americano: não almejaram tomar o poder (uma herança direta das práticas e discursos de Zapata); não se autointitulavam revolucionários, mas *rebeldes*³⁷; utilizaram-se das armas como um recurso, não como um fim; buscaram apoio nacional e internacional através da *internet*, ferramenta, até então, pouco conhecida e explorada; e, entre outras peculiaridades, os zapatistas se destacaram e despertaram o interesse ao redor do globo muito em função dos seus manifestos e habilidades retóricas ao trançar suas dores, suas histórias, suas demandas e seus sonhos através das palavras.

Dotados de características irreverentes no que se diz respeito a declarações de guerra, e comparados aos manifestos tradicionais revolucionários latino-americanos, os *manifestos oficiais* zapatistas surgiram com uma nova forma de se dirigir ao poder institucional e ao povo, os zapatistas fundaram, pois, um manifesto tipicamente zapatista, por meio das *Declarações da Selva Lacandona*. Local de plantio, cultivo e colheita do movimento, a Selva Lacandona aparece, pois, como um aspecto fundamental para a compreensão dos zapatistas. Situada no estado de Chiapas,

ressignificações e particularidades pertinentes a essa distinção, ainda assim optamos por utilizar o termo “zapatistas”, considerando que isso não provoca nenhuma distorção anacrônica para a compreensão do movimento.

³⁷ Sobre esta distinção entre *revolucionário* e *rebelde*, os zapatistas estabelecem que: “Nós nos definimos mais como um movimento rebelde que luta por mudanças sociais. O termo revolucionário não é tão apropriado porque todo dirigente ou movimento revolucionário tende a querer se tornar dirigente ou ator político. Enquanto que o rebelde social não para nunca de ser um rebelde social. O revolucionário quer sempre transformar as coisas a partir de cima, enquanto o rebelde social quer transformá-las a partir de baixo. O revolucionário se diz: eu tomo o poder e, por cima, eu transformo o mundo. O rebelde social age diferente. Ele organiza as massas e, a partir de baixo, ele transforma pouco a pouco as coisas sem se colocar a questão da tomada do poder. O EZLN é um movimento insurrecional sem ideologia estritamente definida. Ele não corresponde a nenhum dos tipos políticos clássicos: marxismo-leninismo, social-comunismo, castrismo, guevarismo, etc. Nós pensamos que os movimentos revolucionários, mesmo os mais revolucionários, são no fundo arbitrários. O que deve fazer um movimento armado é resolver um problema – falta de liberdade e democracia – e depois sumir. Como nós tentamos fazer atualmente” (Vargas, 2009, p. 211 Apud Ramonet, 2001, p. 50-51).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

fronteira à Guatemala e palco de diversas transformações e contatos de distintos povos indígenas de origem *maya*, é na Selva Lacandona que há o encontro e hibridação entre diferentes núcleos que compõem a formação do movimento³⁸. Deste modo, compreender as Declarações da Selva Lacandona consiste em compreender, diretamente, as vozes zapatistas.

Ao total, dispomos de seis declarações, até o presente momento: A *Primeira* e a *Segunda* declaração, no ano de 1994; a *Terceira*, no ano de 1995; a *Quarta* surge em 1996; em 1998 os zapatistas lançam sua *Quinta* declaração; e, por fim, no ano de 2005, após anos de silêncio, a *Sexta* e, por hora, última Declaração. Destarte, as *Declarações da Selva Lacandona*, constituem um conjunto axiomático de fontes para se estudar o discurso do EZLN, mais do que isso, constituem nos manifestos oficiais, redigidos pelo “Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comandância Geral do EZLN”, o que nos permite classifica-las enquanto os discursos *oficiais* destes indígenas rebeldes. Através das mesma, poderemos ter contato direto com a voz dos zapatistas, suas demandas, suas aspirações, suas contradições, seus sonhos, seus temores, sua posição política-ideológica e, substancialmente, ao *lugar de falar* no qual estão inseridos e do qual o discurso é produto. Em suma, sem a pretensão de incorporar todo o conteúdo do discurso zapatista, que é vasto e diversificado, as *declarações* aparecem como *manifestos oficiais* do Exército, de modo que, nos fornecem um conjunto de fontes contundentes para o estudo do discurso e representações deste complexo movimento latino-americano.

O presente trabalho, portanto, propõe uma investigação dos elementos discursivos, presentes nas declarações, que destaquem o *lugar de fala* a partir do qual os zapatistas emitem suas demandas e suas relações históricas com a sua insurgência para o mundo e o seu projeto político de *libertação nacional*. Dessa forma, compreendemos as relações de poder implicadas pelo discurso, a partir de uma concepção foucaultiana:

³⁸ O embrião zapatista se deu a partir da hibridação de um núcleo composto por anciãos indígenas *mayas*, um núcleo guerrilheiro marxista-leninista e um grupo de lideranças indígenas formados na Teologia da Libertação, da Igreja Católica. O encontro desses diferentes núcleos, somados situações outras de transformações e vivências na Selva Lacandona, formou o Exército Zapatista.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar sus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2012, pp. 8-9).

Portanto, entendemos que o discurso não deve ser pensado enquanto um conjunto de palavras que pretendem um significado em si, mas sim enquanto um sistema que está diretamente ligado a relações de poder e controle, o que está associado, diretamente, com o *lugar de fala*.

DESENVOLVIMENTO

Concomitantemente ao levante, no 1 de janeiro de 1994, o mundo teve o primeiro contato com as Declarações da Selva Lacandona. Logo em suas primeiras linhas, os zapatistas anunciaram para o mundo quais são as origens de suas lutas e, portanto, de onde parte o seu discurso. Ao se apresentarem, os zapatistas se definem como:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos (EZLN, Primera Declaración de la Selva Lacandona, 1994).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Desta forma, a luta dos zapatistas não se resume aos problemas peculiares dos indígenas de Chiapas em fins do século XX, atrelados à política hegemônica do Partido Revolucionário Institucional (PRI), na presidência³⁹, mas sim a uma conjuntura política, econômica e social de mais amplo e largo processo histórico. Ao anunciarem que são produto de 500 anos de lutas, os zapatistas apontam para um caráter de *longa duração histórica* que culminou em seus despojos de condições básicas de vida como um teto digno, terra, trabalho, saúde, alimentação, educação, democracia, independência e justiça. Dentro desta perspectiva, compreendemos, pois, a luta zapatista enquanto uma luta frente ao que Aníbal Quijano (2005) veio a conceituar como *colonialidade do poder*, ou seja, “a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial” (p. 117) e, por conseguinte, relegou os povos colonizados, dentre eles os indígenas, a uma condição social de subjugados, inferiorizados, ou, *primitivos*.

Isto posto, interpretamos no discurso zapatista um alicerce que sustenta toda uma identidade que perpassou os tempos históricos, de modo que configura-se como uma projeção histórica coletiva, não individual. A identidade, desta forma, como indica Sebastião Vargas, aparece como “uma criação coletiva, que utiliza elementos da memória da luta pela terra, da exclusão social, da busca de justiça e cidadania, o sonho de um mundo melhor, como elos para a união de diversos sujeitos em torno de uma mesma ‘bandeira’” (Vargas, 2007, p. 249). Ou seja, o *lugar de fala* ao qual os zapatistas produzem e reproduzem seus discursos, compreende esta identidade coletiva, construída historicamente, que remete, diretamente, aos povos relegados pela colonização a uma condição de menores, ou, como defende Quijano (2005), a uma condição de *raça inferior*⁴⁰.

³⁹ Após o sucesso da Revolução Mexicana, o Partido Revolucionário centralizou o poder em si e governou o México por mais de 70 anos. Resguardados pela Constituição elaborada após a Revolução, este partido exerceu um poder hegemônico, o que levou estudiosos sobre a problemática a tratar como a “ditadura perfeita”.

⁴⁰ De acordo com Aníbal Quijano (2005), um dos eixos fundamentais do padrão de poder hegemônico instituído pela colonização foi “a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Ainda no ano de 1994, seis meses após o levante, os zapatistas lançaram sua Segunda Declaração. Remetendo à condição de povos subjugados historicamente de suas terras, direitos e representatividade na formação da sociedade moderna mexicana, os zapatistas enfatizam o caráter *nacional* de sua luta, ao enfatizarem que rechaçam a manipulação e as tentativas de separar suas demandas das do povo mexicano. Mais do que isso, afirmam que: “somos mexicanos y no depondremos ni nuestras demandas ni nuestras armas si no son resueltas la Democracia, la Libertad y la Justicia para todos” (EZLN, Segunda Decalración de La Selva Lacandona, 1994). Com isso, a Segunda Declaração traz à tona de forma mais direta a discussão da participação efetiva dos povos marginalizados, a partir da colonização, na construção democrática do México enquanto país, enquanto nação e enquanto sociedade, nos termo que sejam capazes de “heredar a los mexicanos de pasado mañana un país en el que no sea una vergüenza vivir” (EZLN, Segunda Decalración de La Selva Lacandona, 1994). Sendo assim, convocam uma Convenção Nacional Democrática e ainda distintos grupos que representam as parcelas minoritárias e excluídas das demandas e da participação ativa democrática na construção do México moderno para se juntar à luta e resistir junto aos zapatistas:

Por esto nos dirigimos a nuestros hermanos de las organizaciones no gubernamentales, de las organizaciones campesinas e indígenas, trabajadores del campo y de la ciudad, maestros y estudiantes, amas de casa y colonos, artistas e intelectuales, de los partidos independientes, mexicanos: Los llamamos a un diálogo nacional con el tema de Democracia, Libertad y Justicia.

E ainda enfatizam convocando a todos que “dignidad y vergüenza tengan, a todos llamamos a que con nosotros resistan, pues quiere el mal gobierno que no haya democracia en nuestros suelos” (EZLN, Segunda Decalración de La Selva Lacandona, 1994).

raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo” (p. 117).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

“Mexicanos: los que tenéis la desgracia de vivir bajo el dominio de la usurpación, no os resignéis a soportar el yugo de oprobio que pesa sobre vosotros”. É com essa mensagem de Benito Juárez⁴¹ que os zapatistas abrem a sua Terceira Declaração, no ano de 1995, exatamente um ano após a insurgência. Os zapatistas, aqui, buscam ressaltar a necessidade de se combater o “poder arbitrário” enquanto uma obrigação na luta pela honra do México e da humanidade e finalizam a Declaração, novamente, retomando as conquistas de Juárez e o seu combate frente aos colonizadores: “Como con Benito Juárez frente a la intervención francesa, la Patria marcha ahora de lado de las fuerzas patriotas, contra las fuerzas antidemocráticas y autoritarias. Hoy decimos: ¡La Patria vive! ¡Y es nuestra! ¡Democracia! ¡Libertad! ¡Justicia!” (EZLN, Tercera Declaración de La Selva Lacandona, 1995).

Como de praxe, novamente, o ano novo mexicano inicia-se marcado pelos fogos e pelas vozes zapatistas. No dia 1 de janeiro de 1996, é lançada a Quarta Declaração, na qual os zapatistas explicitam, ainda mais, a longa duração histórica de suas demandas e o pertencimento de suas ambições não a este grupo guerrilheiro de fins do século XX, mas a todos que resistiram ao colonialismo imperante que perpassou as épocas. A flor da palavra, que veio do fundo da história e da terra⁴², portanto, não pôde ser arrancada pelos colonizadores e seus projetos de México. E afirmam:

Quiere el soberbio apagar una rebeldía que su ignorancia ubica en el amanecer de 1994. Pero la rebeldía que hoy tiene rostro moreno y lengua verdadera, no se nació ahora. Antes habló con otras lenguas y en otras tierras. En muchas montañas y muchas historias ha caminado la rebeldía contra la injusticia. Ha hablado ya en lengua náhuatl, paipai, kiliwa, cúcapa, cochimi, kumiai, yuma, seri, chontal, chinanteco, pame, chichimeca, otomí, mazahua, matlazinca, ocuilteco, zapoteco, solteco, chatino, papabuco, mixteco, cuicateco, triqui, amuzgo, mazateco, chocho, izcateco, huave, tlapaneco,

⁴¹ Indígena de origem zapoteca que governou o estado mexicano de Oaxaca (1847 - 1853) e se tornou um líder na oposição aos conservadores, após a independência mexicana.

⁴² Parafraseando a Quarta Declaração da Selva Lacandona (1996): "No morirá la flor de la palabra. Podrá morir el rostro oculto de quien la nombra hoy, pero la palabra que vino desde el fondo de la historia y de la tierra ya no podrá ser arrancada por la soberbia del poder".





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

totonaca, tepehua, popoluca, mixe, zoque, huasteco, lacandón, maya, chol, tzeltal, tzotzil, tojolabal, mame, teco, ixil, aguacateco, motocinteco, chicomucelteco, kanjobal, jacalteco, quiché, cakchiquel, ketchi, pima, tepehuán, tarahumara, mayo, yaqui, cahíta, ópata, cora, huichol, purépecha y kikapú. Habló y habla la castilla. La rebeldía no es cosa de lengua, es cosa de dignidad y de ser humanos (EZLN, Cuarta Declaración de La Selva Lacandona, 1996).

Dois anos após a Quarta Declaração, em meio à calorosos debates envolvendo os zapatistas, a sociedade civil e o governo mexicano, no tocante à questão da autonomia indígena, os zapatistas lançam a sua Quinta Declaração. Após longo período de diálogos com o governo em busca de um consenso sobre as reivindicações por direitos e autonomia indígena, que ficaram conhecidos como os *Acuerdos de San Andrés*, o governo mexicano, em 15 de março de 1998, enviou uma proposta de reformas na constituição sobre a questão indígena que destoava do acordado com os zapatistas. Com isso, no mês de julho daquele ano, surge a Quinta Declaração da Selva Lacandona afirmando que:

Una ley indígena nacional debe responder a las esperanzas de los pueblos indios de todo el país. En San Andrés estuvieron representados los indígenas de México y no sólo los zapatistas. Los acuerdos firmados lo son con todos los pueblos indios, y no sólo con los zapatistas. [...] En los Acuerdos se reconoce el derecho a la autonomía indígena y el territorio, conforme al convenio 169 de la OIT, firmado por el Senado de la República. Ninguna legislación que pretenda encoger a los pueblos indios al limitar sus derechos a las comunidades, promoviendo así la fragmentación y la dispersión que hagan posible su aniquilamiento, podrá asegurar la paz y la inclusión en la Nación de los más primeros de los mexicanos. Cualquier reforma que pretenda romper los lazos de solidaridad históricos y culturales que hay entre los indígenas, está condenada al fracaso y es, simplemente, una injusticia y una negación histórica (EZLN, Quinta Declaración de la Selva Lacandona, 1998).

Na mesma declaração, ainda temos uma epígrafe remetendo ao *Popol Vuh*, uma espécie de livro sagrado dos *mayas*, através do qual busca-se explicar a origem do mundo e dos homens. Sendo assim, trazem à tona uma discussão que, para além da *liberdade, justiça*





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

e *democracia*, exigem também a *autonomia* como elemento fundamental deles enquanto povos indígenas e, concomitantemente, deles enquanto exército, pois se manifesta como uma arma de resistência.

Por último, após 7 anos de intervalo, no ano de 2005, os zapatistas reaparecem no cenário nacional e global com a sua Sexta Declaração. Esta declaração aparece realizando um balanço sobre tudo o que foi feito nos últimos anos; sobre os conflitos; sobre o avanço em direção à autonomia; sobre as guinadas políticas; e, sobretudo, sobre a amplitude do movimento. A partir da Sexta Declaração, os zapatistas assumem uma posição que já vinha sendo elaborada ao longo da última década: o caráter do movimento para além de um movimento indígena, mas, sim, um movimento *antissistêmico*. Os zapatistas permanecem fiéis à causa indígena, afinal foi o que os permitiu chegar até onde chegaram, mas destacam a amplitude do movimento, ao ponto de ter sido capaz de “tocar o coração da gente humilde e simples como nós, mas, também como nós, digna e rebelde” (Sexta Declaración de la Selva Lacandona, 2005). Portanto, os zapatistas assumem uma condição de combate ao colonialismo nos moldes conceituados por Aníbal Quijano (2005), ou seja, o colonialismo enquanto um *poder hegemônico*, instituído pela colonização e que passou a balizar as relações sociais e econômicas do mundo ocidental moderno. Deixam clara essa intenção ao afirmarem que:

Porque resulta que nosotros del EZLN somos casi todos puros indígenas de acá de Chiapas, pero no queremos luchar sólo por su bien de nosotros o sólo por el bien de los indígenas de Chiapas, o sólo por los pueblos indios de México, sino que queremos luchar junto con todos los que son gente humilde y simple como nosotros y que tienen gran necesidad y que sufren la explotación y los robos de los ricos y sus malos gobiernos aquí en nuestro México y en otros países del mundo (Sexta Declaración de la Selva Lacandona, 2005).

Trazem, portanto, os seus discursos para o âmbito das lutas das “minorias” e “desfavorecidos”, em geral, fazendo da *dignidade* um elo de união e resistência desses povos na luta por um mundo melhor – ou um outro mundo.





CONCLUSÃO

O estudo de movimentos sociais, sejam eles de caráter de lutas de classes ou étnicas, necessita de um olhar mais profundo de suas raízes, especialmente tratando-se de América Latina, um continente marcado pela exploração e colonização em suas mais diversas naturezas. Como enfatizou Sebastião Vargas (2007)

Os fenômenos sociais não podem ser suficientemente entendidos se nos encerrarmos, para sua consideração, nas temporalidades da curta ou média duração, e que portanto é necessário abrir sempre generosamente a lente temporal de nosso exame, incorporando às nossas explicações estas visões de muito mais largo alento temporal (p. 161).

Com isso, inseridos nessa construção histórica que perpassou as épocas, os zapatistas insurgem para o mundo anunciando o seu “já basta!” na condição de povos que não falam somente por si, mas suas vozes ecoam os gritos e demandas desde a chegada dos colonizadores até os dias de hoje.

Isto posto, as *Declarações da Selva Lacandona*, como defendemos inicialmente, constituem um conjunto axiomático de fontes para se estudar o discurso desses indígenas e da longa duração histórica colonial que atua sobre os mesmos, negando e renegando suas vozes e suas participações ativas na construção do projeto de nação do México. As declarações, não à toa, são intituladas como “da Selva Lacandona”, ou seja, a Selva Lacandona, palco onde foi forjado o exército zapatista e onde reside toda a tradição histórica milenar de seus povos indígenas *mayas*, está falando, diretamente, aos povos do México e do mundo. A Selva fala, representando, desta forma, toda a história desses povos.

Em suma, considerando o lugar de fala como um espaço de disputas política, logo, de poder, o discurso zapatista surge como uma estratégia componente de sua guerra declarada ao Estado mexicano e às mais diferentes formas de colonialismos. As Declarações da Selva Lacandona, como pudemos ver, são permeadas de elementos históricos; referências a antigos heróis nacionais nas lutas contra os interesses coloniais;





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

retórica indígena; metáforas; palavras de ordem; poesias; provocação; ironias; e recursos linguísticos outros. Correspondem, portanto, a um aspecto central da luta zapatista, pois, ao assumirem o lugar de fala dos excluídos da sociedade, dos colonizados e das minorias, em geral, trazem para si uma força imensa que não apenas legitima seus discursos, como os engrandece frente aos desafios de suas lutas.

BIBLIOGRAFIA

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista**. São Paulo: Alfarrabio, 2002.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **CUARTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1996. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1996/01/01/cuarta-declaracion-de-la-selva-lacandona/>> Acessado em: 31 de jul. de 2019.

_____. **PRIMERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1994. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>> Acessado em: 31 de jul. de 2019.

_____. **QUINTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1998. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1998/07/17/v-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

_____. **SEGUNDA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1994. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/06/10/segunda-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

_____. **SEXTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 2005. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/sdsl-es/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

_____. **TERCERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1995. <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1995/01/01/tercera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FUENTES SÁNCHEZ, Waldo Lao. **Autonomías indígenas: resistencias y luchas por el reconocimiento en Nicaragua y México**. Buenos Aires: El Colectivo, 2019. 204 p.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

GENNARI, Emilio. **EZLN Passos de uma rebeldia**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber** - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

VARGAS NETTO, Sebastião Leal Ferreira. **A MÍSTICA DA RESISTÊNCIA**: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos. São Paulo, USP. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2007

VARGAS, Sebastião. **COM A ARMA DA PALVRA: TRAJETÓRIA E PENSAMENTO DO SUBCOMANDANTE MARCOS**. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v.2, n.2, p. 202-222, 2009.

